

“Influenciada por Georges Simenon, Agatha Christie e Dorothy L. Sayers,
Louise Penny conseguiu superar os três.” – *MYSTERY NEWS*

LOUISE PENNY

É PROIBIDO MATAR

— UM CASO DO INSPETOR GAMACHE —
Série com mais de 10 milhões de livros vendidos

**É PROIBIDO
MATAR**

Título original: *A Rule Against Murder*

Copyright © 2008 por Louise Penny
Trecho de *The Brutal Telling* © 2009 por Louise Penny
Copyright da tradução © 2023 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Trecho de “The Cremation of Sam McGee” reproduzido com a gentil permissão do espólio de Robert Service.

tradução: Simone Reisner
preparo de originais: Helena Mayrink
revisão: Camila Figueiredo e Sheila Louzada
diagramação: Abreu’s System
capa: David Baldeosingh Rotstein
imagem de capa: James R. Hearn | Shutterstock
adaptação de capa: Gustavo Cardozo
impressão e acabamento: Lis Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P465e

Penny, Louise, 1958-

É proibido matar / Louise Penny ; tradução Simone Reisner. – 1. ed. –
São Paulo : Arqueiro, 2023.

368 p. ; 23 cm. (Inspetor Gamache ; 4)

Tradução de: *A rule against murder*

Sequência de: *O mais cruel dos meses*

ISBN 978-65-5565-429-5

1. Ficção canadense. I. Reisner, Simone. II. Título. III. Série.

22-81213

CDD: 819.13

CDU: 82-3(71)



Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

PRÓLOGO



HÁ MAIS DE UM SÉCULO, OS chamados barões ladrões descobriram o lago Massawippi. Eles vieram decididos de Montreal, Boston e Nova York e construíram o grandioso hotel nas profundezas da mata canadense. É claro que não colocaram a mão na massa. Contrataram homens com nomes como Zoétique, Téléphore e Honoré para derrubar a mata densa e antiga. No início, tendo passado a vida inteira naquele local intocado, os quebequenses resistiram. Recusaram-se a destruir algo de tamanha beleza, e alguns mais intuitivos entenderam que a empreitada ocasionaria o fim de tudo aquilo. Mas o dinheiro falou mais alto, e pouco a pouco a floresta recuou e o magnífico Manoir Bellechasse surgiu. Depois de meses sendo cortados, descascados, girados e secos, os enormes troncos foram finalmente empilhados e tomaram forma. Era uma arte, a construção daquele imóvel de madeira. No entanto, o que guiava os olhos afiados e as mãos ásperas daqueles homens não era a estética, mas a certeza de que o frio cortante do inverno mataria quem estivesse lá dentro se eles não escolhessem os troncos com sabedoria. Um *coureur de bois*, um homem da floresta do imaginário canadense, poderia passar horas contemplando o tronco limpo de uma árvore maciça, como se o decifrasse. Dava voltas e mais voltas ao redor dele, sentando-se em um toco, enchendo seu cachimbo e analisando-o, até que finalmente percebia exatamente onde aquela árvore deveria ser assentada pelo resto da vida.

Levou anos, mas finalmente a grande obra foi concluída. O último homem subiu no magnífico telhado de cobre e ali, postado como um para-raios, observou, de uma altura que jamais voltaria a alcançar, as florestas e o lago sombrio. E se os olhos daquele homem conseguissem enxergar a uma

distância ainda maior, teriam visto algo terrível se aproximando, como as veias elétricas dos relâmpagos de verão. Marchando na direção não apenas do hotel, mas do lugar exato em que ele estava, no brilhante telhado de metal. Algo terrível estava para acontecer bem ali.

Ele já havia instalado telhados de cobre antes, todos iguais. Mas dessa vez, quando todos pensavam que estava pronto, ele subiu de novo e acrescentou uma cumeeira, uma peça ao longo da linha de encontro das águas do telhado. Não tinha ideia do motivo, exceto que lhe pareceu bom e necessário. E havia cobre sobrando. Ele acabaria repetindo aquele modelo muitas vezes, em edifícios de grande porte por todo o território em expansão. Mas aquele foi o primeiro.

Após martelar o último prego, ele desceu devagar, com cuidado, atento.

Os homens receberam o pagamento que lhes era devido e partiram em canoas, o coração tão pesado quanto os bolsos. E, ao olhar para trás, o mais intuitivo deles notou que haviam criado algo um pouco semelhante a uma floresta tombada de lado, de uma forma nada natural.

Pois desde o início havia algo pouco natural no Manoir Bellechasse. Uma construção de beleza espantosa, com seus troncos de coloração dourada. Era feito de madeira e tabique e ficava bem à beira da água. A construção dominava o lago Massawippi, assim como os barões ladrões dominavam tudo. Exercer tal controle parecia inevitável a esses capitães da indústria.

Assim, uma vez por ano, homens com nomes como Andrew, Douglas e Charles deixavam seus impérios de ferrovias e uísque, trocavam as perneiras por mocassins de couro macio e iam de canoa até o hotel à margem do lago isolado. Estavam cansados de roubar e precisavam de outra distração.

O Manoir Bellechasse foi criado e concebido para permitir que esses homens praticassem uma única atividade: matar.

A mudança foi bem-vinda.

Ao longo dos anos, a floresta foi desaparecendo. As raposas e os veados, os alces e os ursos, todas as criaturas selvagens caçadas pelos barões ladrões foram se afastando. Os abenakis, tomados pela repulsa, deixaram de transportar em suas canoas os industriais ricos até o grandioso hotel. Cidadezinhas e vilarejos surgiram. Os lagos próximos foram descobertos por visitantes, que aproveitavam ali as férias ou os finais de semana.

Mas o Bellechasse permaneceu. A direção mudou ao longo das gerações

e, pouco a pouco, as cabeças assustadas e empalhadas de veados e alces mortos, até mesmo a de um raro puma, foram guardadas no sótão para nunca mais serem devolvidas às paredes.

À medida que a fortuna de seus criadores se desvanecia, o mesmo acontecia à construção. Grande demais para uma única família e afastado demais para um hotel, o local ficou abandonado por muitos anos. Quando a floresta começou a se sentir encorajada o suficiente para recuperar o que lhe pertencia, alguém comprou a propriedade. Uma estrada foi aberta, cortinas foram instaladas, aranhas e besouros e corujas foram expulsos dos cômodos e hóspedes pagantes foram convidados a entrar. E o Manoir Bellechasse se tornou um dos mais requintados *auberges* da província do Quebec.

No entanto, se em mais de um século o lago Massawippi havia mudado, o Quebec havia mudado, o Canadá havia mudado, quase tudo havia mudado, um elemento se manteve intocado.

Os barões ladrões. Eles voltaram ao Manoir Bellechasse, e voltaram para matar.

UM



NO AUGE DO VERÃO, OS VISITANTES desceram até o hotel isolado à beira do lago, convocados para o Manoir Bellechasse por convites idênticos em papel velino, os endereços escritos em uma caligrafia emaranhada que mais parecia uma teia de aranha. Enfiados em caixas de correio e nas fendas para correspondência das casas, o papel encorpado tinha ido parar em residências imponentes de Vancouver e Toronto, e em uma pequena casa de tijolinhos aparentes em Three Pines.

O carteiro atravessara a cidadezinha quebequense com o convite na bolsa, sem se apressar. Melhor não se esforçar muito naquele calor, dissera a si mesmo, parando para tirar o chapéu e secar o suor do rosto. Eram regras do sindicato. Mas a verdadeira razão para sua letargia não era o sol brilhante nem o calor intenso, mas algo mais pessoal. Ele sempre se demorava em Three Pines. Vagava lentamente pelos canteiros perenes de rosas, lírios e digitális. Ajudava as crianças a encontrar rãs no lago do parque. Sentava-se no muro quente de pedras e observava a rotina do antigo vilarejo. Isso acrescentava horas ao seu dia de trabalho e fazia com que fosse o último a voltar ao centro de distribuição. Ele era ridicularizado por ser tão lento e suspeitava que fosse essa a razão de nunca ter sido promovido. Por duas décadas ou mais, não tivera pressa. Em vez de acelerar, passeava por Three Pines, conversando com as pessoas que caminhavam com seus cachorros, e muitas vezes ia com elas tomar uma limonada ou um *thé glacé* em frente ao bistrô. Ou, se fosse inverno, um *café au lait* junto à lareira crepitante no seu interior. Os habitantes, sabendo que ele estava almoçando no bistrô, às vezes iam lá buscar a correspondência e conversar um pouquinho. Ele trazia notícias de outros vilarejos

em sua rota, como um menestrel viajante em tempos medievais, com relatos sobre pestes, guerras ou inundações em outros lugares. Mas nunca naquela bela e pacata vila. Ele sempre imaginava que Three Pines, aninhada entre as montanhas e cercada pela floresta canadense, era desconectada do mundo exterior. A impressão era exatamente essa. Dava-lhe certo alívio.

Por isso ele seguia devagar. Naquele dia, carregava um maço de envelopes nas mãos suadas, torcendo para não estragar o papel grosso e perfeito do belo envelope no topo. Subitamente, a caligrafia chamou sua atenção, fazendo-o reduzir o ritmo ainda mais. Depois de décadas como carteiro, ele sabia que entregava mais do que apenas cartas. Sabia que, em seus anos de trabalho, lançara bombas ao longo de sua rota. Ótimas notícias: nascimentos, prêmios de loteria, mortes de tias distantes e ricas. Mas ele era um homem bom e sensível e sabia que também era o portador de más notícias. Partia seu coração pensar na dor que às vezes causava, especialmente naquela cidadezinha.

Ele sabia que o que tinha nas mãos agora era isso, e muito mais. Talvez possuísse certo nível de telepatia que lhe dava essa certeza, mas também tinha uma habilidade inconsciente de ler a escrita manual. Não apenas as palavras, mas o impulso por trás delas. O simples e banal endereço de três linhas no envelope lhe dizia mais do que onde deveria entregar a carta. Ele sabia dizer que a mão era velha e fraca. Debilitada não só pela idade, mas pela raiva. Nada de bom viria daquele objeto que tinha em mãos. De repente, desejou se livrar dele.

Sua intenção era ir até o bistrô, pedir uma cerveja gelada e um sanduíche, conversar com o dono, Olivier, e ver se alguém aparecia para buscar sua correspondência, porque ele também estava se sentindo um pouco preguiçoso. Mas, em um estalo, ficou energizado. Atônitos, os moradores viram algo completamente inusitado: o carteiro correndo. Ele parou, virou e se afastou rapidamente do bistrô, em direção a uma caixa de correio enferrujada, em frente a uma casa de tijolinhos com vista para a praça. A caixa rangeu ao ser aberta. Ele não podia culpá-la. Empurrou a carta e fechou bem rápido a portinhola barulhenta. Ficou surpreso quando a velha caixa de metal não se engasgou e cuspiu de volta o desventurado envelope. Ele se acostumara a ver suas cartas como seres vivos, e as caixas de correio, como animais de estimação. E tinha feito algo terrível àquela caixa. E àquelas pessoas.

MESMO SE ESTIVESSE VENDADO, ARMAND GAMACHE saberia exatamente onde se encontrava. Era o cheiro. Aquela combinação de madeira queimada, livros velhos e madressilva.

– *Monsieur et madame Gamache, quel plaisir.*

Clementine Dubois deu a volta no balcão da recepção do Manoir Bellechasse, a pele flácida dos braços estendidos balançando feito asas. Reine-Marie Gamache foi ao encontro dela. As duas se abraçaram e deram dois beijinhos na bochecha uma da outra. Depois de Gamache trocar abraços e beijos com madame Dubois, ela recuou um passo para examinar o casal.

Diante de si, viu Reine-Marie, baixa, nem gorda nem magra, cabelo grisalho e um rosto que revelava os anos de uma vida bem vivida. Ela era uma graça, embora não estivesse dentro do padrão típico de beleza. Era o que os franceses chamavam de *soignée*. Usava uma saia azul-escura até o meio da panturrilha e uma blusa branca bem passada. Simples, elegante, clássica. Já o homem era alto e forte. Com seus 50 e poucos anos, ainda mantinha a boa forma, mas mostrava evidências de uma vida permeada por bons livros, comidas maravilhosas e caminhadas tranquilas. Ele parecia um professor, embora Clementine Dubois soubesse que não era. Seu cabelo estava mais ralo – antes ondulado e escuro, agora se mostrava mais fino no topo e grisalho acima das orelhas e nas laterais, onde se enrolava um pouco sobre o colarinho. No rosto, havia apenas um bigode bem aparado. Vestia uma jaqueta azul-marinho, calça cáqui e uma camisa azul macia, com gravata. Sempre impecável, mesmo no calor daquele final de junho. Mas o mais impressionante eram seus olhos, de um castanho profundo. Ele emanava calma, da mesma forma que outros homens emanavam água-de-colônia.

– Mas vocês parecem cansados.

A maioria dos donos de hotel teria exclamado: “Mas vocês estão ótimos”, “*Mais, voyons, vocês nunca envelhecem*”. Ou mesmo: “Vocês estão cada vez mais jovens”, sabendo que ouvidos velhos nunca se cansam dessas palavras.

Embora os ouvidos dos Gamaches ainda não pudessem ser considerados velhos, eles estavam de fato cansados. Tinha sido um longo ano e seus ouvidos tinham escutado mais do que gostariam. E, como sempre, o casal havia se dirigido ao Manoir Bellechasse para deixar tudo isso para trás. Enquanto o resto do mundo celebrava a entrada de um novo ano em janeiro,

os Gamaches a celebravam no auge do verão canadense, quando visitavam aquele lugar abençoado, se afastavam do mundo e recomeçavam.

– Estamos mesmo um pouco cansados – admitiu Reine-Marie, sentando-se agradecida na confortável poltrona próxima ao balcão da recepção.

– *Bon*, já, já vamos cuidar disso – garantiu madame Dubois, voltando graciosamente para o balcão em um movimento ensaiado.

Ela se sentou em sua cadeira confortável, puxou o livro de registros e colocou os óculos.

– Onde foi que colocamos vocês?

Armand Gamache sentou-se na poltrona ao lado da esposa e eles se entreolharam. Sabiam que, se procurassem naquele mesmo livro, encontrariam suas assinaturas, uma vez por ano, desde algum dia de junho mais de trinta anos antes, quando o jovem Armand havia economizado dinheiro e levado Reine-Marie até ali. Por uma noite. No menor dos quartos, nos fundos do esplêndido e antigo hotel. Sem vista para as montanhas, o lago ou os exuberantes jardins perenes, com peônias frescas e rosas em sua primeira floração. Ele economizara por meses, querendo que a visita fosse especial. Querendo que Reine-Marie soubesse quanto ele a amava, como ela era preciosa em sua vida.

E assim eles ficaram juntos pela primeira vez, o doce aroma da floresta, do tomilho da cozinha e dos lilases os alcançando através da janela de tela, de maneira quase palpável. Mas o melhor cheiro de todos era o dela, jovem e quente em seus braços fortes. Ele escreveu um bilhete de amor naquela noite. Cobriu-a suavemente com o lençol branco simples e então, sentado na cadeira de balanço estreita – não ousando balançá-la por medo de que batesse na parede atrás ou esbarrasse as canelas na cama à frente, perturbando Reine-Marie –, ele a observou respirar. No bloco do Manoir Bellechasse, escreveu:

O meu amor não tem...

Como pode um homem guardar tanto...

Meu coração e minha alma ganharam vida...

Meu amor por você...

Ele passou a noite escrevendo, e na manhã seguinte, colado no espelho do banheiro, Reine-Marie encontrou o bilhete.

Eu te amo.

Clementine Dubois estava lá naquela época, o corpo grande, andar vacilante, um sorriso no rosto. Ela já era velha, e a cada ano Gamache temia ligar para fazer uma reserva e ouvir uma voz estranha e firme dizer: “*Bonjour, Manoir Bellechasse. Puis-je vous aider?*” Em vez disso, ele ouvia: “Monsieur Gamache, que prazer. Vocês vêm nos visitar de novo, certo?” Era como ir à casa da vovó.

E, enquanto Gamache e Reine-Marie haviam certamente mudado – se casaram, tiveram dois filhos, uma neta e agora havia outro neto a caminho –, Clementine Dubois nunca parecia diferente. Nem o seu grande amor, o Manoir. Era como se os dois fossem um só, gentis e amorosos, reconfortantes e acolhedores. E misteriosa e deliciosamente imutáveis, em um mundo que parecia se transformar tão depressa. Nem sempre para melhor.

– Algum problema? – perguntou Reine-Marie, percebendo a expressão de madame Dubois.

– Devo estar ficando velha – respondeu ela, erguendo os olhos cor de violeta chateados.

Gamache sorriu de maneira tranquilizadora. Pelos seus cálculos, ela devia ter pelo menos 120 anos.

– Se você não tiver um quarto, não se preocupe. Podemos voltar numa outra semana – disse ele.

Eastern Townships ficava a apenas duas horas de viagem da casa deles, em Montreal.

– Ah, eu tenho um quarto, mas esperava ter algo melhor. Quando vocês ligaram para fazer as reservas, eu deveria ter guardado a Suíte do Lago, a mesma em que ficaram no ano passado. Mas o Manoir está cheio. Uma família, os Finneys, ocupou os outros cinco quartos. Eles vieram para...

Ela parou de repente e deixou os olhos caírem sobre o livro, em um ato tão cauteloso e pouco característico que os Gamaches trocaram olhares.

– Eles vieram para...? – repetiu Gamache, quando o silêncio se prolongou.

– Bem, não importa, temos bastante tempo para isso – disse ela, erguendo o olhar e sorrindo para tranquilizá-los. – Me desculpem por não ter guardado o melhor quarto para vocês.

– Se nós quiséssemos a Suíte do Lago, teríamos pedido – comentou Reine-Marie. – Você conhece Armand, essa é a única aposta dele na incerteza. Um aventureiro.

Clementine Dubois riu, sabendo que não era verdade. Ela sabia que o homem à sua frente vivia com grandes incertezas todos os dias de sua vida. Por isso ela queria tanto que a visita anual deles ao Manoir fosse repleta de luxo e conforto. E paz.

– Nós nunca especificamos o quarto, madame – disse Gamache, com aquela voz grave e gentil. – Sabe por quê?

Madame Dubois balançou a cabeça. Ela sempre tivera essa curiosidade, mas não achava certo interrogar seus hóspedes, especialmente aquele.

– Todo mundo especifica – disse ela. – Na verdade, essa família pediu até mais vantagens gratuitas. Eles chegaram em Mercedes e BMWs, e fizeram um pedido desses.

Ela sorriu. Não irritada, mas um pouco perplexa que pessoas que já tinham tanto sempre quisessem muito mais.

– Nós gostamos de deixar isso a cargo do destino – explicou ele.

Ela examinou o rosto de Gamache para checar se ele estava brincando, mas achou que não.

– Ficamos felizes com o que conseguimos – concluiu o homem.

E Clementine Dubois sabia que era verdade. Ela sentia o mesmo. Todas as manhãs, quando acordava, ficava um pouco surpresa por ver um novo dia, por estar ali, naquele velho hotel, às margens cintilantes daquele lago de água doce, cercada por florestas, córregos, jardins e hóspedes. Era a casa dela e os hóspedes eram como membros da família – embora madame Dubois soubesse, por algumas experiências amargas, que nem sempre dá para escolher ou mesmo gostar da própria família.

– Aqui está – disse ela, pegando uma velha chave de bronze com um longo chaveiro. – A Suíte da Floresta. Infelizmente, fica na parte dos fundos.

Reine-Marie sorriu.

– Nós sabemos onde fica, *merci*.

OS DIAS SE SEGUIRAM SUAVEMENTE, enquanto os Gamaches nadavam no lago Massawippi e caminhavam pela floresta cheirosa. Eles liam e conversavam amigavelmente com os outros hóspedes, e aos poucos foram conhecendo-os.

Até alguns dias antes, eles nunca tinham ouvido falar dos Finneys, mas

agora eram companheiros no hotel isolado. Como viajantes experientes em um cruzeiro, os hóspedes não eram nem muito distantes, nem muito próximos. Eles nem sabiam em que os outros trabalhavam, o que era bom para Armand Gamache.

Era meio da tarde e Gamache estava observando uma abelha que voava em torno de uma rosa particularmente vermelha, quando um movimento chamou sua atenção. Ele se virou na espreguiçadeira e viu quando o filho da família, Thomas, e sua esposa, Sandra, saíram do hotel, para o surpreendente calor do sol. Sandra levantou a mão magra e colocou enormes óculos escuros no rosto, de modo que lembrava uma mosca. Ela parecia não se encaixar naquele lugar, certamente estava longe de seu habitat natural. Gamache calculou que ela devia ter entre 50 e 60 anos, embora fosse óbvio que estava tentando se passar por alguém bem mais jovem. Engraçado, pensou ele, como cabelo pintado, maquiagem pesada e roupas joviais na verdade faziam a pessoa parecer mais velha.

Eles caminharam até o gramado, os saltos de Sandra perfurando a grama, e ali pararam, como se esperassem aplausos. Mas o único som que Gamache ouviu veio da abelha, cujas asas zumbiam.

Thomas parou no cume da pequena colina que descia até o lago, como um almirante na ponte. Seus olhos azuis penetrantes examinaram a água, *à la Nelson em Trafalgar*. Gamache percebeu que toda vez que via Thomas, pensava em um homem se preparando para a batalha. Thomas Finney tinha 60 e poucos anos e certamente era bonito. Alto e distinto, com cabelo grisalho e traços nobres. Nos poucos dias em que compartilharam o hotel, Gamache também identificou um toque de ironia no sujeito, um leve senso de humor. Ele era arrogante e autoritário, mas parecia ter consciência disso e ser capaz de rir de si mesmo. Isso o tornava mais cativante, e Gamache sentiu que a presença daquele homem já aquecia um pouquinho seu coração. O dia também estava tão quente que ele sentia que tudo parecia se aquecer, especialmente a velha edição da revista *Life* que manchava suas mãos suadas. Olhando para baixo ele viu, tatuado na palma da mão, III.

Thomas e Sandra passaram direto pelos pais dele, que descansavam na varanda sombreada. Gamache ficou fascinado mais uma vez com a capacidade daquela família de tornar uns aos outros invisíveis. Por cima de seus óculos meia-lua, observou Thomas e Sandra examinarem as pessoas espa-

lhadas pelo jardim e ao longo da margem do lago. Julia Martin, a mais velha das irmãs e alguns anos mais nova que Thomas, estava sentada sozinha no cais, em uma cadeira Adirondack, lendo. Ela usava um maiô branco simples. Tinha 50 e poucos anos, era magra e brilhava como um troféu, como se tivesse espalhado óleo de cozinha pelo corpo. Parecia fritar ao sol, e, estremeando, Gamache imaginou sua pele começando a crepitar. De vez em quando, Julia abaixava o livro e olhava para o lago calmo. Pensando. Gamache sabia o suficiente sobre a mulher para entender que ela tinha muito em que pensar.

No gramado que levava até o lago estava a irmã mais nova, Marianna, mãe de Bean, que a acompanhava. Enquanto Thomas e Julia eram magros e bonitos, Marianna era baixinha, rechonchuda e inquestionavelmente feia. Parecia o completo oposto dos irmãos. Suas roupas pareciam sentir rancor da dona e se revezavam entre escorregar desajeitadamente e se amassar em seu corpo, de modo que ela estava sempre se ajustando, puxando ou se contorcendo.

Já Bean era uma graça, com cabelo comprido muito loiro, quase branco ao sol, cílios escuros espessos e olhos azuis brilhantes. Naquele momento, Marianna parecia estar fazendo tai chi, embora com movimentos de sua própria autoria.

– Olhe, meu amor, um guindaste. Mamãe é um guindaste.

A mulher se equilibrava sobre uma perna, os braços esticados para o alto e o pescoço estendido até o limite.

Bean, de 10 anos, ignorou a mãe e continuou a ler. Gamache se perguntou quão entediada a criança devia estar.

– É a posição mais difícil – explicou Marianna, mais alto do que o necessário, quase se estrangulando com um de seus lenços.

Gamache tinha notado que o tai chi, a ioga, as meditações e os exercícios em geral só aconteciam quando Thomas aparecia.

Estaria ela tentando impressionar o irmão mais velho, ponderou Gamache, ou envergonhá-lo? Thomas deu uma rápida olhada naquele guindaste desequilibrado e conduziu Sandra na direção oposta. Encontraram duas cadeiras na sombra, isoladas, e se sentaram.

– Você não está espionando eles, está? – perguntou Reine-Marie, baixando o livro para olhar para o marido.

– “Espionando” é um exagero. Estou observando.

– Você não devia parar com isso? – perguntou a esposa, para, um momento depois, acrescentar: – Alguma coisa interessante?

Ele riu.

– Nada.

– Ainda assim... – comentou Reine-Marie, olhando ao redor, para os Finneys espalhados. – Família estranha, vêm todos juntos e depois ficam ignorando uns aos outros.

– Poderia ser pior. Eles poderiam estar se matando.

Reine-Marie riu.

– Eles nunca se aproximariam o suficiente para conseguir.

Gamache grunhiu em concordância e percebeu, satisfeito, que não se importava. Era problema dos outros, não dele. Além disso, depois de alguns dias juntos, ele se afeiçoara aos Finneys de uma forma até engraçada.

– *Votre thé glacé, madame.*

O jovem falava francês com um delicioso sotaque inglês canadense.

– *Merci, Elliot* – respondeu Reine-Marie, protegendo os olhos do sol e sorrindo para o garçom.

– *Un plaisir.*

O rapaz sorriu e entregou um copo alto de chá gelado para Reine-Marie e um copo de limonada densa para Gamache, saindo em seguida para entregar o restante das bebidas.

– Eu me lembro de quando eu era jovem que nem ele – comentou Gamache, com um tom de melancolia.

– Você pode já ter tido essa idade, mas nunca foi assim...

Ela fez um sinal para indicar Elliot, que cruzava de maneira atlética o gramado bem-cuidado, usando calça preta e uma pequena jaqueta branca ajustada ao corpo.

– Ah, meu Deus, eu vou ter que lutar contra outro pretendente?

– Talvez.

– Você sabe que eu faria isso – disse ele, tomando a mão da esposa.

– Eu sei que não faria. Você ficaria batendo boca com ele até a morte.

– Bem, é uma estratégia. Esmagá-lo com meu enorme intelecto.

– Posso imaginar o terror dele.

Gamache bebeu um pouco da limonada e, de repente, fez uma careta, os olhos se enchendo de lágrimas.

– Ah, e que mulher resistiria a isso? – disse ela, ao ver os olhos trêmulos e lacrimejantes dele e seu rosto contraído.

– Açúcar. Precisa de açúcar – tentou explicar ele, engasgando-se.

– Espera, vou pedir ao garçom.

– Pode deixar. Eu mesmo peço.

Ele tossiu, lançou um olhar de falsa seriedade para Reine-Marie e se levantou da espreguiçadeira funda e confortável.

Levando sua limonada, ele vagou pelo caminho por entre os jardins em direção à ampla varanda, já mais fria e protegida do sol da tarde. Bert Finney baixou seu livro e olhou para Gamache, em seguida sorriu e acenou educadamente.

– *Bonjour* – disse ele. – Dia quente.

– Mas estou notando que aqui está mais fresco – observou Gamache, sorrindo para o casal de idosos sentados lado a lado, tranquilos.

Finney era visivelmente mais velho que a esposa. Gamache calculou que ela devia ter pouco mais de 80 anos e ele provavelmente quase 90, e trazia em si aquela semitransparência característica que as pessoas às vezes adquirem perto do fim.

– Eu vou lá dentro. Querem que eu traga alguma coisa? – perguntou ele, pensando mais uma vez que Bert Finney era ao mesmo tempo cortês e uma das pessoas menos atraentes que já conhecera.

Censurou a si mesmo por ser tão superficial e se esforçou para não ficar olhando. Monsieur Finney era tão repulsivo que era quase sedutor, como se a estética fosse circular e o pobre homem tivesse circum-navegado aquele mundo inclemente.

Sua pele era avermelhada e repleta de marcas, o nariz grande e deformado, vermelho e cheio de veias aparentes, como se ele tivesse cheirado vinho de Borgonha e a substância tivesse manchado a pele. Os dentes se projetavam para fora, amarelados e tortos. Os olhos eram pequenos e ligeiramente vesgos. *Um olho preguiçoso*, pensou Gamache. Aquilo que costumava ser conhecido como um olhar maligno em tempos mais sombrios, quando homens como ele eram, na melhor das hipóteses, expulsos da sociedade civilizada e, na pior das hipóteses, destinados à fogueira.

Ao lado do marido, Irene Finney usava um vestido floral de verão. Era gordinha, com o cabelo branco e suave preso em um coque frouxo e pele delicada e branca, algo que Gamache acabara notando, ainda que a senhora não tivesse olhado para cima. Ela parecia um travesseiro desbotado, macio e convidativo, ao lado de um penhasco em forma de rosto.

– Não, estamos bem, mas *merci*.

Gamache notou que Finney era o único da família que sempre tentava falar um pouco de francês com ele.

Dentro do hotel, a temperatura caiu novamente. Estava quase frio lá dentro, um alívio do calor do dia. Levou um instante para os olhos de Gamache se ajustarem.

A porta de bordo escura que dava para a sala de jantar estava fechada. Gamache bateu com hesitação, abrindo-a em seguida e entrando no cômodo com painéis de madeira nas paredes. As mesas estavam sendo postas, com toalhas de linho branco engomado, talheres de prata esterlina, porcelana branca fina e um pequeno arranjo de flores frescas em cada mesa. O cômodo cheirava a rosas e madeira, a ervas e polidor de prata, a beleza e ordem. O sol entrava pelas janelas que iam do chão ao teto e tinham vista para o jardim; estavam fechadas no momento, para manter o calor fora e o frio dentro. O Manoir Bellechasse não tinha ar-condicionado, mas os troncos maciços funcionavam como um isolamento natural, preservando o calor durante os invernos mais amargos do Quebec, e bloqueando-o nos dias de verão mais escaldantes. Aquele nem era o mais quente. Menos de 20 graus, imaginou Gamache. Mas ele continuava grato pela obra feita pelos *coureurs de bois*, que construíram aquele lugar com as próprias mãos e escolheram cada tronco com tanta precisão que nada que não fosse convidado jamais poderia entrar.

– Monsieur Gamache.

Pierre Patenaude aproximou-se sorrindo, limpando as mãos em um pano. Ele era alguns anos mais novo que Gamache e mais magro. Toda aquela correria de mesa em mesa, pensou Gamache. Mas o maître nunca parecia correr. Atendia a todos sem pressa, como se fossem os únicos no *auberge*, sem ignorar ou deixar de ajudar qualquer um dos outros hóspedes. Era um dom especial dos melhores maîtres, e o Manoir Bellechasse era famoso por ter apenas o melhor.

– O que posso fazer pelo senhor?

Ligeiramente tímido, Gamache estendeu o copo.

– Desculpe incomodar, mas preciso de um pouco de açúcar.

– Oh, céus. Eu bem que temia isso. Estamos sem. Mandei um dos garçons até o vilarejo para comprar mais. *Désolé*. Mas, se o senhor esperar aqui, acho que sei onde a chef esconde seu estoque de emergência. Realmente, essa é uma situação inusitada.

O mais inusitado, pensou Gamache, era ver o maître abalado.

– Não quero incomodar – disse ele para Patenaude, que, no entanto, já se afastara.

Pouco depois, o maître retornou, um pequeno recipiente de porcelana branca nas mãos.

– *Voilà!* Tudo certo. Mas claro que tive que lutar com a chef Véronique para conseguir isso.

– Eu ouvi os gritos. *Merci*.

– *Pour vous, monsieur, c'est un plaisir*.

Patenaude pegou seu pano e uma tigela de prata e continuou com o polimento, enquanto Gamache jogava o precioso açúcar em sua limonada. Os dois olharam pelas janelas em um silêncio cúmplice, para o jardim e o lago brilhando mais além. Uma canoa vagava preguiçosamente no silêncio da tarde.

– Verifiquei meus instrumentos há alguns minutos – comentou o maître.

– Uma tempestade está a caminho.

– *Vraiment?*

O dia estava claro e calmo, mas, como todos os outros hóspedes do hotel antigo e gracioso, ele passara a acreditar nos relatórios meteorológicos diários do maître, obtidos de suas estações meteorológicas caseiras espalhadas pela propriedade. Era um hobby, como o maître explicara uma vez, que passava de pai para filho.

“Alguns pais ensinam os filhos a caçar ou pescar. O meu me levava para a floresta e me ensinava sobre o tempo”, contara ele certo dia, enquanto mostrava a Gamache e Reine-Marie o barômetro e o velho recipiente de vidro, com água quase até a boca. “Agora estou ensinando a eles.” Pierre Patenaude indicou os jovens da equipe. Gamache torceu para que estivessem prestando atenção.

Não havia televisão no Bellechasse e até a transmissão por rádio era irregular, então os boletins oficiais não estavam disponíveis. Apenas Patenaude

e sua habilidade quase mítica de prever o tempo. Todas as manhãs, quando chegavam para o café, a previsão estava afixada na porta da sala de jantar. Ele sabia como lidar com uma nação viciada no clima.

Patenaude observou o dia tranquilo. Nem uma folha se mexia.

– *Oui*. Uma onda de calor está chegando; depois, tempestade. E parece que vai ser forte.

– *Merci* – disse Gamache, erguendo sua limonada para o maître, e saiu.

Ele adorava tempestades de verão, especialmente no Bellechasse. Ao contrário de Montreal, onde as tempestades pareciam chegar de repente, ali ele podia vê-las se aproximando. Nuvens escuras se acumulavam acima das montanhas no extremo oposto do lago, então uma cortina cinza de chuva caía a distância. Parecia se preparar, respirar um pouco e depois marchar como uma linha de infantaria claramente marcada na água. O vento aumentava, sacudindo furiosamente as árvores mais altas. Então a chuva atacava. *Bum*. E enquanto ela uivava, soprava e se lançava sobre tudo, Gamache estava em segurança no Manoir, com Reine-Marie.

Assim que ele saiu do hotel, o calor o atingiu como uma pancada.

– Conseguiu açúcar? – indagou Reine-Marie, tocando o rosto do marido quando ele se inclinou para beijá-la, antes de se acomodar de novo em sua cadeira.

– *Absolument*.

Ela voltou a ler e Gamache procurou o *Le Devoir*, mas sua mão hesitou, pairando sobre as manchetes dos jornais. “Outro referendo de soberania possível”, “Guerra de gangues de motoqueiros”, “Terremoto catastrófico”.

Em vez disso, ele alcançou a limonada. O ano todo, ele sentia água na boca ao se lembrar da limonada caseira do Manoir Bellechasse. Tinha um sabor puro, fresco, doce e azedo. Gosto de sol e de verão.

Gamache sentiu seus ombros cederem. Estava relaxando. Era uma sensação boa. Tirou o chapéu de sol dobrável e secou a testa. A umidade estava aumentando.

Naquela tarde pacífica, Gamache achava difícil acreditar que uma tempestade estivesse a caminho. Mas sentiu uma gota escorrer pela coluna, uma corrente solitária de transpiração fazendo-lhe cócegas. Conseguiu sentir que a pressão do ar estava aumentando, e se lembrou das palavras do maître.

– Amanhã o tempo não estará muito agradável – alertou ele.

CONHEÇA OS LIVROS DA SÉRIE

Natureza-morta
Graça fatal
O mais cruel dos meses
É proibido matar

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

